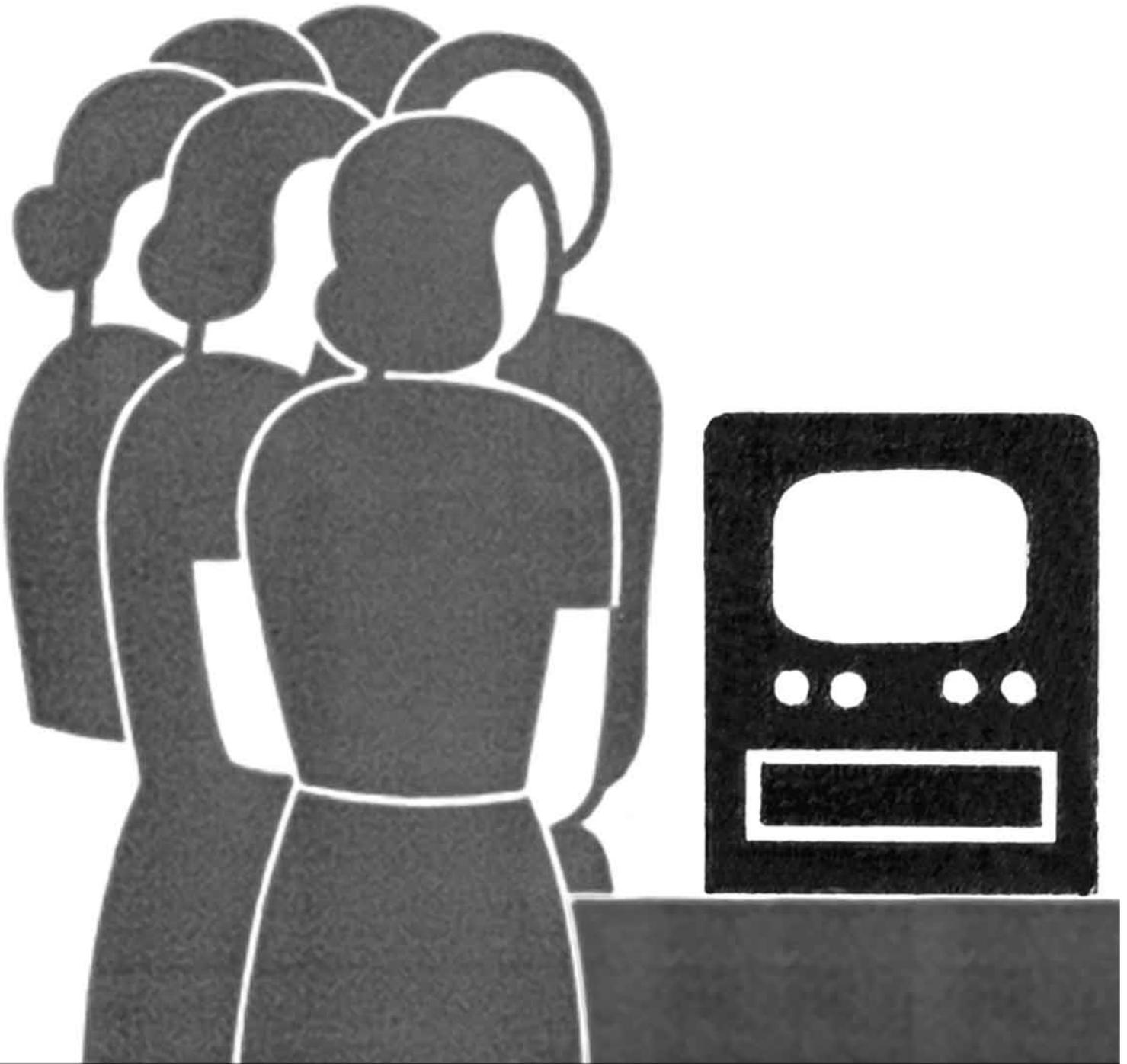




A REVISTA

SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA / NÚMERO 13



MULHERES E AUDIOVISUAL



Vista de Lapela com o Minho e a torre da Menagem ao fundo. Num segundo termo, em tons brancos, a estação da linha do Minho restaurada, hoje parte da ecopista / ALONSO VIDAL

O último caminho-de-ferro da raia (e II)

PROPOSTA ALTERNATIVA PARA NOS CHEGARMOS, DE BICICLETA, AOS LIMITES DO PASSADO MAIS RECENTE

ALONSO VIDAL / Deixáramos o relato do nosso percurso em bicicleta pela ecopista do Minho à altura da estação de Verdoejo. Lá, no Adro Velho, víramos uns restos de um cemitério medieval. Reincorporámo-nos à via e avançamos entre carvalhos e vinhas para Friestas. A estação espera-nos com o seu ar decadente rodeada de espaços reservados outrora a linhas de carga de mercadorias. Friestas é a freguesia de Valença com uma impressionante ponte metálica, jóia da arqueologia industrial ferroviária por ser a primeira desse tipo construída em Portugal.

Antes da chegada à ponte podemos desviar-nos para a esquerda procurando a foz do rio, convertida em praia fluvial natural com parque de merendas incluído. Ali deteremos o caminho para imaginar milhares de histórias de batalhas, pesca ou contrabando. À nossa frente está a formosa ribeira de Caldelas com o seu centenário balneário. O rio Furna desemboca no Minho na zona da ínsua do Crasto. Estamos na altura de uma travessia natural do rio Minho, conhecida no medievo como “vau de carexi”. Apesar do caudal de água neste local, o rio era facilmente transponível. De facto, assim fizeram romanos e, mais tarde, na época medieval, galegos servindo a Castela. Os portugueses guardavam aqui dos ataques das tropas da Galiza com homens armados sob as ordens do abade do

mosteiro de Sam Fins. Por aí cruzaram o também as tropas napoleónicas para entrar em Portugal.

Membrança de avions

Esta língua de terra que penetra no rio foi o lugar escolhido pelo famoso aviador norte-americano do “Spirit of St. Louis” Charles Lindbergh para uma descida de emergência o 13 de Novembro de 1933. Lindbergh e a sua mulher Ann Morrow viajavam no hidroaviom “Tingmisartok” (“o que voa como um pássaro”) de Santander para Lisboa, após ter coberto já em etapas anteriores mais de 40.000 km. O tempo piorou de repente até converter-se numa perigosa tormenta. Entre nuvens e chuva, sem visibilidade e quase sem combustível, conseguiram descer até divisar a ínsua do Crasto. Com dificuldade lograram tocar a superfície das águas e, depois, contrariamente, internaram-se pelo braço do rio que rodeia a ínsua. Desde a beira, as pessoas que contemplavam atónitos a descida remaravam para o avião, arrastaram-no até um remanso e sujeitaram-no à beira com um cabo. O facto converteu-se num acontecimento social, incluindo recepções oficiais em Valença e Tui, conferências de imprensa internacionais sobre a aventura e visitas do cônsul americano em Vigo.

A memória do incidente do aviador americano ficou sempre na mente dos vizinhos, magnificando-se até à lenda. O braço do rio onde aterrou passou a ser conhecido popularmente com o nome de “Poço de Lindbergh”. Na beira portuguesa ergue-se um monumento lembrando o acontecimento. Para visitá-lo devemos voltar à ecopista, cruzar a ponte metálica sobre o Furnas e, trezen-

NOM PODEMOS
DEIXAR DE APRECIAR
AS PESQUEIRAS.
A BELEZA DA VISTA
OBRIGARA-NOS A
DETER A BICICLETA.
JÁ NO ALTO,
A CAPELA E,
APÓS TER SUBIDO
UMHAS ESCADAS,
O AMPLO PARQUE
DE MERENDAS,
VERDE, ENTRE
ÁRVORES FRONDOSAS

tos metros mais à frente, sair à direita. Passaremos perante o imponente Portom da Quinta do Crasto –barroco com influência da América Latina– e, seguindo a estrada para a direita de novo a apenas douscentos metros mais iremos para a esquerda.

De volta à ecopista na zona do Portom do Crasto, continuamos a nossa viagem para Monção seguindo a linha do caminho-de-ferro do Minho. Entramos talvez na parte mais formosa do percurso, pertinho do fundo do Poço de Lindbergh, entre frondosos carvalhos e castanheiros que nos emprestarão sombra generosamente até chegarem a formar um túnel de natureza fresca e viva. Saberemos que deixamos o conhecido de Valença pela mudança de cor da ecopista, agora de cimento cinzento, à entrada no município de Monção. Entre as

árvores que nos rodeiam podemos ir adivinhando já a imponente torre de Lapela.

A Torre de Belém do Minho

É monumento nacional desde 1910 e contam que pertencia a um castelo medieval que o rei D. João V mandou destruir a inícios do século XVII para destinar a cantaria à construção da fortaleza de Valença. Vale a pena a visita –perigosa subida interior incluída– para, uma vez na cimeira, contemplar a melhor das vistas do rio. Na tardinha no Verao, o sol cairá directamente sobre o rio, tingindo de infinitas cores o céu e as ribeiras, desenhando todos os reflexos imagináveis sobre as águas e multiplicando as tonalidades de brilho até ao mesmo pé da torre. E nós estaremos aí, no alto, mudos, admirando o espectáculo.

Ao pé da Torre, à beira do rio construíram os vizinhos um parque de merendas. Na margem galega, barcas de pesca tradicionais.

Voltamos à linha entre ruas estreitas deixando à direita um formoso cruzeiro para chegar à estação de Lapela. É a melhor recuperada como espaço de lazer, com jardim, parque para crianças e umha moderna e demasiado aparatosa pista desportiva. No nosso percurso passaremos ainda, pola antiga tesouraria, com relógio de sol e brasom de armas francês. A pista colhe certa profundidade entre carvalhos e pinheiros para chegar-se a acariciar o rio. Estamos agora no miradouro do rio Gadanha, contemplando umha das mais impactantes vistas do percurso. Neste lugar o Minho torce a sua vontade numha ampla viragem espectacular aberta à beira galega. Podemos escolher ver desde acima os lados do ângulo descrito ou baixar ao lado da peque-

na ponte metálica à pequeninha praia fluvial que se conserva entre rochas e vegetação de ribeira. Aí o rio Gadanha deita-se no Minho de orna serena despedindo-se entre vidoeiros, sanganhos e velhos moinhos de pedra. Estamos no lugar ideal para o nosso piquenique, ao sol, escutando o refrescante fluir da água nas rochas e contemplando as orgulhosas pesqueiras que se mantêm erguidas a uns metros de nós, desafiando séculos de correntes e cheias. Antes eram propriedade –como nom!– da igreja, agora, particulares.

A via começa a tomar umha ligeira pendente caminho de Cortes, entre explorações vinícolas. Antes de chegarmos ao alto da Nossa Sra. da Cabeça nom podemos deixar de ver cara à esquerda para apreciar umha outra perspectiva da volta do Minho, agora com as pesqueiras ao fundo. A beleza da vista obrigara-nos a deter a bicicleta. Já no alto a capela, apeadeiro com fotografias da antiga linha e, após ter subido umhas escadas, o amplo parque de merendas, verde, entre árvores frondosas e bancos com mesas de pedra. Este apeadeiro sabe de fugidas clandestinas ou entradas subversivas em épocas de luta pola liberdade...

Há uns anos que se acondicionaram os últimos quilómetros da via, até à entrada em Monção. A pista torna-se aqui mais larga para continuar desdobrada entre leiras e muros. Atalhamos, agora longe do rio, até divisar outra vez entre eucaliptos o parque da Canuda de Salva Terra. Nessa altura sabemos que a nossa aventura está perto do fim. Mas, como toda a viagem, esta nostálgica senda leva adorida o seu percurso à origem. É o destino. A volta. Outra sorte de regresso ao futuro.



Mulheres e audiovisual

FOTO-REPORTAGEM

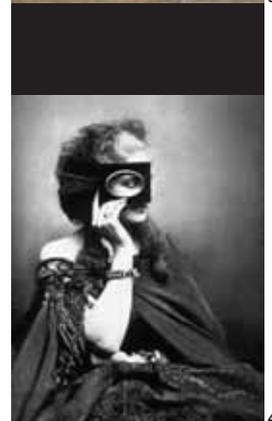
TEXTO E SELEÇÃO: NATÁLIA G. DEvesa
A história contada pelos homens sempre desprezou o que as mulheres fazemos, dizemos e mesmo imaginamos. E isso mesmo acontece quando nos contam a sua versão da relação das mulheres com a fotografia. Esta relação é quase tão antiga como a própria arte

fotográfica. E continua até hoje, como uma árvore que estende as suas ramas para o futuro. E os brotos mais novos recolhemos a seiva que nos deixaram as nossas predecessoras das que ainda nos resta muito por conhecer. E falo concretamente das que fazemos fotografia dentro da Galiza. Porque somos mui-

tas, porque existimos e porque não somos invisíveis. Formamos um grupo com uma coisa em comum: a vontade de fazer o que queremos. Um autêntico privilégio para os tempos que correm no mundo. Uma mulher disse que o grau de liberdade de uma sociedade se mede segundo as mulheres

que se vêem nas ruas. Eu acrescentaria além disso segundo o numero de mulheres que há no mundo das artes.

Mais informação no artigo "Fazendo-nos nítidas. Fotografia de mulher na Galiza" dentro do especial "Mulheres e audiovisual" na web www.culturagalega.org/album



1. "A família bem, ghrasias". Natália G. Devesa (1974). 1.º prémio Concurso Lgtb Aturuxo 2007

2. Corona González, que fez fotografias entre 1900 e 1925 depois de conseguir uma câmara na viagem de casamento a Paris

3. Hannah Cullwick disfarçada de preto (1833-1909). Junto com o seu marido encenavam situações para o seu desfrute pessoal

4. Virginia Verasis, Condessa de Castiglione (1837-1899), que fez umas 500 fotos de si própria

5. Ruth Matilda Anderson numa das viagens pela Galiza nos anos 1924-1925. Conservam-se milhares de fotos do nosso património cultural a que quase nem temos acesso

6. "Beatrice". Julia Margaret Cameron (1815-1879), pioneira nas técnicas fotográficas. Nesta foto pode-se apreciar o *desfocagem*, que seria o seu selo pessoal mais reconhecível





Mais putas que as galinhas

O quadro de pessoal de SOQNF decidimos em Julho declarar um trégua unilateral para poder desfrutar as férias estivais, como Eduardo Blanco Amor com a YMCA na Argentina dos anos vinte: com calção de banho a raia e chapéu para nom estragar o cabelo. Mas parece que o novo governo da Junta nom respeita este descanso de cavaleiros. Quando afastamos a mirada de Le Diplo ou os beijos das nossas caipirinhas, reparamos que a Galiza estava infestada de escudos de armas com faisnidas em azul. Assim que abandonamos o nosso tempo de folga e voltamos com forças!



Proposta alternativa para o identificador das novas "Escolas infantis"

Diário de... Hermerico Pinheira

Segunda, 24 de Agosto: Ano Rosso Quintana analisa apresentação do novo logo para as "escolas infantis". Nós apresentamos a nossa versão, cuidamos que recolhe melhor o "espírito".

Sábado, 29 de Agosto: "Redesign" do logo do SER-GAS e análise da viva fé de Pilar Farjas (Franco Vicetto).



Quarta, 02 de Setembro: Segunda leitura do segundo "J'accuse!" de Santiago Rey. Dialéctica fascista? Nada, nada.

Segunda, 07 de Setembro: Gennara del Bruzzo Lembra-nos a celebração da independência do Brasil. E a habelencia de Pedro I para criar frases inspiradas. Independência ou morte!

Também esse dia X. R. Barreiro marca com um reprovado em Língua e Literatura Galega o Nuñez Feijóo. Jenaro Jesus Marinhos retrata o momento.

Terça, 08 de Setembro: Em Euskal Herria existe ânimo ridiculista: Hermerico Pinheira informa do jogo de futebol com balons de espuma como protesto pola "ilegalização" do mus, o futebol de salom e as jantagas populares em Hernáni, polas suas clarísimas afinidades com o terrorismo.

As notícias também traem a nomeação nom oficial de Feijóo como "golfinho" [delfim] do presidente do PP. As últimas imagens deste último levam a Alfredo Tascas a afirmar que o que querem é "um golfinho para um golfam"



Quarta, 09 de Setembro: Joaquim Reboiras informa do alarme por novos casos da Gripe LA na Corunha e Vigo.



Quinta, 10 de Setembro: Parabenizamos o aniversário do nosso querido presidente, num dia cheio de notícias.

Quem é Lete Lasa, novo conselheiro de desportos, chamado a "despolitizar a actividade desportiva"? A. R. Quintana tem todos os dados.



Também publicamos umha exclusiva: A nova série infantil que preparam os grupos "liberais" da Corunha descoberto por H. Pinheira.



Sexta, 11 de Setembro: O nosso novo bolsheiro representa num infográfico as convocatórias de Galicia Bilingüe, com motivo das suas Jornadas idem:

<http://seioque.com/media/blogs/seioque/2009/manifeHR.png>